

O militante no século XXI

Gilles Dauvé

Link: https://ddt21.noblogs.org/?page_id=141

Os situacionistas haviam transformado a rejeição da militância em uma banalidade básica, e essa crítica foi resumida em 1972 em *Le Militantisme, stade suprême de l'aliénation*¹.

Para nós, *militante* não é um insulto reservado àqueles com quem não temos nada em comum (como o *pequeno-burguês* usado anteriormente por muitos militantes). Alguns camaradas podem ser militantes: não estamos buscando a perfeição, portanto não vemos isso necessariamente como motivo suficiente para romper.

Na crítica situacionista, militância significava sacrificar sua vida por uma causa, negar suas necessidades e desejos pessoais e submeter-se a uma doutrina. Acima de tudo, significava acreditar que era possível transformar o mundo agindo sobre ele por meio de cada vez mais intervenções, reuniões e palavras. O militante é tanto um voluntarista quanto um produtivista.

Quarenta anos depois, como o ativista mudou? Que consequências isso tem para nossa crítica do ativismo?

Do sacrifício ao hedonismo

Originalmente, militância significava travar uma guerra: o militante era um soldado político, mas a palavra adquiriu seu significado moderno com os sindicatos e partidos de massa, contemporâneos da democracia.

A militância se baseava no trabalho, que era objeto de um "culto" no século 19 e por muito tempo no século 20: o trabalho tinha um valor *sagrado*, e a Internacional Situacionista não foi a primeira a observar os aspectos religiosos da militância.

¹ Três anos mais tarde, a OJTR (Organisation des Jeunes Travailleurs Révolutionnaires) publicou uma *sequência* traçando a gênese do texto e sua própria história, e explicando que em 1972, na época fortemente influenciada pelo conselhoismo, ela havia percebido erroneamente "o caráter prejudicial da concepção democrática-conselhisto-autogestionária": "O princípio constitutivo da democracia é a separação entre decisão e execução. Grupos como o "Socialisme ou barbarie" e, posteriormente, a "Internationale situationniste" reivindicavam ser democráticos e abolir essa separação. Eles queriam reconciliar o irreconciliável. Brochure Suite disponível no site de Claude Guillon.

Atualmente, o trabalho está tão firmemente ancorado em nossas vidas e em nossas mentes (incluindo a dos desempregados) que não precisa mais de um culto. No Ocidente, o sacrifício agora é menos defendido do que o hedonismo. Como resultado, o ativista está mudando. Na política, a austeridade saiu de moda e o tédio não é mais um sinal de seriedade. Lutar significa se divertir, festejar e até mesmo não fazer mais nada. Por exemplo, para os trabalhadores intermitentes, a organização de um piquenique festivo é uma "ação" desenvolvida pela "Comissão de Ações" da mesma forma que a ocupação das instalações da CFDT.

Obviamente, como a luta de classes no local de trabalho deixa pouco espaço para o prazer, continua sendo possível que os ativistas sindicais adotem um comportamento sacrificial. O mesmo não pode ser dito dos ativistas *políticos*, para os quais agir é uma escolha, ou até mesmo uma atividade de lazer: nas democracias ocidentais, o indivíduo contemporâneo, visando ao seu próprio prazer, recusa-se a negar a si mesmo. Que ativista atual do NPA ou do PC doa sua vida pessoal ao partido?

Missionário

A dimensão religiosa não desapareceu por isso: é necessário um reinado do Mal (o rei do dinheiro, por exemplo) para que a liberação ocorra.

O Apocalipse (grego para "desvelamento" ou "revelação") pressupõe que Satanás é o "príncipe do mundo" e que o capitalismo está se tornando visivelmente mais opressivo a cada ano.

Para derrubar o monstro, se não está mais na moda tentar se tornar um líder, como era o caso dos grupos trotskistas fundados para treinar os quadros do futuro partido, se o ativista não aspira mais a ser um líder, ele continua a acreditar que é mais *consciente* do que os outros, considera-se indispensável e atribui uma missão a si mesmo. Eles não recrutam mais: eles informam (veja abaixo sobre ativismo e ativismo cibernético).

Horizontal

Muito além do círculo dos chamados "autônomos", qualquer ativista de esquerda ou extrema esquerda hoje afirma ser mais ou menos autônomo. O gosto de nossos contemporâneos pela liberdade pode ter algo a ver com isso, mas o declínio das

mediações e dos mediadores reflete, acima de tudo, uma crise no aparato de gerenciamento para a defesa do trabalho assalariado - partidos socialistas e sindicatos. Os burocratas estão achando muito mais difícil do que no passado cumprir seu papel conciliador. Esse enfraquecimento contribui para o enfraquecimento da crença em uma sociedade estruturada em torno do trabalho e movida por classes em conflito, e permite que a teoria da *dominação* prevaleça em detrimento da análise de classe: não há mais um centro de gravidade social, apenas uma articulação de relações de força em todos os domínios, sendo o "mundo do trabalho" apenas um deles.

Foucault e Bourdieu escreveram incansavelmente que tudo hoje se resume a mecanismos de poder e controle.

Com duas consequências.

Em primeiro lugar, como o poder exerce sua dominação por meio de uma multiplicidade de práticas, e como ele é onipresente, inclusive dentro de nós, ao que parece..., sua crítica passaria a ser feita em um conjunto de lugares (ou identidades), nenhum dos quais determina os outros: trabalho, gênero, raça, cultura, saúde, meio ambiente etc. A suposta hegemonia da classe trabalhadora acabou. A prioridade passa a ser menos centralizar as lutas de cima para baixo do que descer ao nível delas, por meio de uma militância distanciada e fragmentada em mobilizações sucessivas: apoiar os trabalhadores sem documentos, denunciar o Tratado Transatlântico, marchar contra a FN...

Em segundo lugar, para "reunir as lutas", a democracia é essencial como um meio de reunir os domínios separados: mas uma democracia de base, direta, local hoje, universal depois de amanhã. O consenso será preferido ao voto, de acordo com a rejeição da violência proclamada pelas sociedades democráticas: a mídia, a polícia, o Estado, a universidade, etc., não devem mais ser destruídos, mas reconciliados.

Na prática, a horizontalidade geralmente se resume à democracia do microbalizador. Uma das organizações que já foi emblemática do renascimento, a ATTAC, opera em um modo notavelmente antidemocrático, e a regra do consenso sempre resistirá mal a discordâncias fundamentais.

Especialização

O protesto contemporâneo desconfia de teorias gerais, mas precisa de seus especialistas: especialistas em economia, geografia, sociologia, ecologia, direito etc., sem esquecer os indispensáveis *organizadores* profissionais (discutidos no próximo parágrafo).

O antigo movimento operário e socialista, especialmente o movimento stalinista, selecionava líderes, de preferência de origem operária, que encarnavam a luta de classes na forma de um trabalhador intelectual coletivo que sintetizava todo o passado e o presente do proletariado e da humanidade. Maurice Thorez era uma autoridade tanto em cultura quanto em estratégia política. Agora, não há mais espaço para um conhecimento total transmitido por um partido de classe: o especialista é apenas um especialista em seu próprio campo.

Inevitavelmente, a perda da totalidade dá origem a novos especialistas: especialistas em complexidade, pluralidade, transversalidade e contextualização, ocupados em gerenciar a coexistência de identidades concorrentes que são tanto aliadas quanto rivais.

Uma das principais tarefas desses "bons" especialistas é refutar os "maus", os do Estado ou do MEDEF, que são considerados desonestos, partidários ou incapazes, mas, de ambos os lados, é uma questão de ser realista, de provar com números que outro orçamento, gerenciamento alternativo ou um acordo UNEDIC melhor seria possível.

Profissão: radical

Quando o movimento operário e socialista se assemelhava a uma contra-sociedade, ele mantinha seus próprios profissionais: jornalistas, funcionários permanentes, gerentes de associações e cooperativas, etc. Hoje, a democracia parlamentar está associada à social-democracia, e as autoridades públicas ou semipúblicas e uma infinidade de órgãos privados desempenham um papel integrador e fornecem empregos. Hoje, a democracia parlamentar está associada à democracia social, e as autoridades públicas ou semipúblicas e uma infinidade de órgãos privados desempenham um papel integrador e fornecem empregos: países tão diferentes quanto a França e os Estados Unidos estão desenvolvendo associações, "trabalho social", ONGs e uma série de mediadores. O trabalho social está se tornando uma arma política, e as escolas, uma área de *intervenção*, assim como as empresas: os palestrantes vêm denunciar o sexismo, o

racismo ou a homofobia, sem perceber que, ao fazê-lo, estão reforçando os locais onde os preconceitos são reproduzidos.

Uma social-democracia precisa entender suas contradições, e um exército de pesquisadores está estudando conflitos, greves, tumultos, teorias radicais, grupos de esquerda... Aqui está sendo escrita uma dissertação sobre trotskistas em Moselle, lá sobre os excluídos da SI. Nada é neutro: a matemática fornece algoritmos aos comerciantes, a ornitologia ajuda a produzir futuros super-soldados². Se o século XX inaugurou a sociologia das multidões, hoje a polícia é parceira na pesquisa da ciência do controle de massa.

O estudo é combinado com a prática. A especialização técnica e social dá origem a uma ampla gama de empregos, conhecidos na Inglaterra como *empregos de movimento*: "organizador" sindical assalariado, palestrante profissional sobre racismo em escolas itinerantes, pesquisador antidiscriminação financiado pela União Europeia, sociólogo que trabalha em empresas para ajudar a resolver conflitos, revista ou conferência radical subsidiada por fundos públicos ou privados, como a da Fundação Rosa Luxemburg, parte do *Die Linke* etc. Quando os limites entre o compromisso político e o ganho de dinheiro se tornam tênues, fica impossível distinguir entre o que as pessoas pensam e o que elas ganham. *"Uma vez que os limites entre o compromisso político e o ganho de dinheiro se tornam tênues, torna-se impossível distinguir entre o que as pessoas pensam e o que elas expressam por motivos profissionais"*.³

O revolucionário profissional de antigamente era pago pelo partido: hoje, o Estado ou uma entidade privada o remunera ou subsidia, um arranjo inaceitável para os militantes da década de 1970. A rejeição aos partidos aumentou, a rejeição ao Estado diminuiu.

O *novo espírito de ativismo* também está de acordo com uma imagem muito difundida do capitalismo contemporâneo, que se diz ser composto por redes descentralizadas de unidades, cada uma organizada em torno de um projeto e operando de forma quase autônoma. Esse neocapitalismo exigiria um novo tipo de ação modelado no mesmo modelo: cada grupo de ativistas agiria com seu próprio objetivo, horizontalmente, sem hierarquia, e só então coordenaria com outros. *"O burocrata é substituído pelo gerente."*

² Como o pardal de garganta branca (*Zonotrichia albicollis*) é capaz de voar por dias sem dormir, o Exército dos EUA está se interessando por ele, na esperança de criar soldados que não precisem mais dormir (*Le Monde Diplomatique*, junho de 2014).

³ Wildcat, nº 96, 2014: *Profissão e movimento. O escândalo de Aufheben* (wildcat-www.de)

*Mais libertário, ele insiste na autonomia e na responsabilidade individual. Mas ele impõe os padrões de eficiência, lucratividade e desempenho do capital.*⁴ A ausência de hierarquia entre grupos não impede a possibilidade de hierarquia dentro de cada grupo, mesmo que seja informal.

Atividade, ativismo... e militância

Participar de um movimento social, grande ou pequeno, por 15 horas por dia durante várias semanas, é uma atividade intensa. O ativista, por outro lado, acredita que é essencial e possível manter uma ação subversiva permanente. A teoria também tem seus ativistas, para os quais a escrita é uma condição necessária para a revolução.

Embora raramente afirmem ser militantes e não sacrifiquem suas vidas à política, os ativistas contemporâneos têm como ideal participar de todas as ações, todas as manifestações, todas as ocupações, para nos lembrar sempre da permanência da luta de classes e da necessidade de revolução. Mas agir a todo custo significa intervir onde não se tem nenhum ponto em comum com o objeto-alvo e, portanto, estar *fora da* luta da qual se quer participar. Tudo o que resta é inventar paliativos para entrar nela apesar de tudo.

O desejo absoluto de falar a um mundo que permanece surdo às solicitações nos leva a gritar para sermos ouvidos, a exagerar, a confiar na força de vontade, a interpretar cada situação como uma emergência: a ação se descola da realidade enquanto se imagina bem no meio dela. É essa *separação* que caracteriza o ativismo (não o comportamento sacrificial, que é incidental). O resultado é a rotina, a restrição, a especialização e até mesmo a hierarquia... a política está começando a se parecer com um emprego.

Obviamente, há graus, uma zona cinzenta em que a determinação de agir se aproxima do ativismo "militante" sem ser de fato militante.

As fraquezas do movimento são impostas a ele pela situação. Nossa intenção não é traçar uma linha entre um militante limitado e um revolucionário autêntico. Será que um grupo de trabalhadores desempregados em luta que mantém uma mesa de imprensa semanal em frente ao CAF e ajuda a resolver problemas administrativos está descendo a ladeira da militância? E quanto aos companheiros que montam uma biblioteca para

⁴ Lilian Mathieu, *Un " nouveau militantisme " ? A propos de quelques idées reçues*, 2008 (www.contretemps.eu)

revitalizar um bairro e promover a solidariedade presente e futura?... Tudo depende do que acontece com a luta e o bairro.

Ativismo cibernético

Uma característica comum do meio radical é a crença de que os proletários de todo o mundo estão vivendo cada vez pior enquanto lutam cada vez mais: se a "revolução" não está chegando, o que está faltando? Para muitos, são os elos que estão faltando: portanto, precisamos contribuir para eles. Não criando o núcleo de um futuro partido, mas simplesmente promovendo a organização e, acima de tudo, promovendo fontes e canais de informação.

Muitas vezes ouvimos que *nós somos a mídia*. Isso é verdade! O ativismo cibernético opera no mesmo modelo que a mídia. *Simplificar, ampliar, repetir*: foi assim que um jornalista resumiu a chamada imprensa popular. Infelizmente, esse slogan é usado por mais de um site com ambições revolucionárias. Da mesma forma que os relatórios de notícias podem ser vistos em telas onipresentes hoje em dia, o leitor-espectador é apresentado a uma rolagem incessante de eventos, cada um tão essencial quanto o outro, embora sua sucessão interminável ateste sua natureza efêmera e esvazie-os de significado.

"Nossos sites interativos mostram pessoas informando umas às outras e interagindo entre uma greve em Turim e um tumulto em Manila...!"

Não é preciso dizer que aqueles que participam de uma ação transmitem as imagens, principalmente nas redes sociais. Mas supondo - e esse é um caso excepcional que depende muito pouco de nós - que os grevistas de Turim se comunicassem com os manifestantes de Manila, a questão seria o possível efeito dessa troca em suas respectivas lutas.

O ativismo cibernético não se faz essa pergunta, porque compartilha a ilusão de que *comunicação é ação*.

O pior é que, na tentativa de vencer a mídia em seu próprio terreno, a mídia radical a imita: urgência sistemática (e, portanto, obsolescência inevitável), repetição, acumulação, sensacionalismo por meio da busca do fato marcante e da imagem chocante, que geralmente não significa nada. O que uma foto de um rosto ensanguentado prova?

Os aspectos positivos do ativismo cibernético (as informações transmitidas, os vínculos criados) são em grande parte esterilizados pela forma como ele funciona: ele nos faz viver em uma representação de um mundo em perpétua revolta, se não em insurreição, um mundo de fantasia, um universo paralelo digno dos romances de Philip K. Dick... mas é melhor não confundir ficção com revolução.

Escola de direção e popularização

No centro dessa militância está a crença na educação como uma força libertadora.

Escola do partido, universidade de verão, curso de treinamento, manual, versão resumida... hoje, como no passado, o ativista continua sendo um educador, seguindo as tendências educacionais de seu tempo. Já se foi o tempo das palestras; as escolas de hoje colocam o aluno "no centro do projeto educacional". Eles não são mais empanturrados de ideias, eles são capacitados, são ajudados a "se tornarem sujeitos", permitindo que o aluno classifique uma profusão de dados e opiniões, no papel ou na tela, graças especialmente às inúmeras conferências on-line no YouTube.

Corrigimos o comportamento dos ativistas e os ensinamos a se corrigirem, contra o vocabulário patriarcal, por exemplo. Um vídeo explica como debater, um folheto explica como falar com uma mulher sem interrompê-la.

Ao se deparar com uma ideia, a primeira reação do ativista é se perguntar como ele pode usá-la. Eles "instrumentalizam" a teoria.

Quando, na primavera de 1847, Marx deu palestras para trabalhadores que mais tarde foram publicadas com o título *Trabalho assalariado e capital*, ele não estava resumindo as teses dos socialistas da época. Ele as estava resumindo em uma tentativa de entendê-las para que o movimento pudesse ir além delas. Ao contrário, os sites que se propõem a apresentar os fundamentos do marxismo (ou do anarquismo), os conceitos críticos fundamentais, a análise da crise etc., repetem o que já sabemos, confirmando-o, reduzindo a compreensão ao seu menor denominador comum, ao que parece garantido, óbvio, desprovido de interesses teóricos ou práticos. Os leitores sabiam que os funcionários eram explorados e suspeitavam que as finanças não eram a causa principal

da crise: agora eles receberam uma prova disso. Como na universidade, há uma divisão entre "ensino" (para as massas) e "pesquisa" (para aqueles que leem textos considerados difíceis).

"De onde você está falando?"

...teríamos perguntado nos velhos tempos.

O jogo do massacre é inútil. Não nos achamos mais espertos do que nossos vizinhos, nem imaginamos que podemos superar as contradições da crítica radical pela mágica de uma dialética que pegaria o que há de bom em cada um de nós (a energia de um, a preocupação em informar de outro, a reprodução de textos antigos no terceiro...), evitando as falhas redibitórias presentes em todos eles.

De qualquer forma, não devemos esperar estar construindo hoje a organização que estará pronta amanhã quando "a merda bater no ventilador". Ficar *disponível* muitas vezes é o melhor que podemos fazer, mantendo-nos informados, mas sem o nariz colado na tela, agindo, mas não necessariamente todos os dias. Na necessária disseminação de informações e teses radicais, as informações e as teses em si não são mais importantes do que os vínculos criados por sua circulação, vínculos que serão úteis um dia, mas que seria impossível e inútil formalizar hoje. Se a inércia coletiva é um obstáculo à revolução, certos tipos de ação também podem sustentar a passividade.

Como diz um provérbio proletário, "*não são os revolucionários que farão a revolução, mas a revolução que fará os revolucionários*".